

A FILA ANDA

Luiz Alex Silva Saraiva¹

O justificado frenesi mundial em torno das eleições estadunidenses de 2020 se deve a muitos aspectos, alguns dos quais nos afetam e que queremos explorar nesse editorial: democracia, geopolítica e futuro. Em primeiro lugar, a dimensão democrática precisa ser destacada. Não nos referimos aqui ao discurso esvaziado sobre igualdade plena de direitos pelo que se observa nos regimes democráticos em vigor em todo o mundo. As democracias que vemos mundo afora continuam altamente excludentes, permissivas quanto à concentração de renda e poder entre os que sempre os detiveram e, mais grave, sem um horizonte que permita pensar em mudança da forma pela qual as coisas. A questão é outra: antes regimes democráticos imperfeitos e sujeitos a ajustes do que regimes autoritários que se apresentam como perfeitos e, portanto, avessos a críticas.

E isso não é uma defesa ao sistema eleitoral dos Estados Unidos, muito pelo contrário: ele foi desenhado para ser excludente e para fazer sentido apenas aos que historicamente se beneficiaram de posições vantajosas. Um exemplo é o fato de não ser feriado, ou de a presença em votação não ser uma justificativa para faltar ao trabalho: as pessoas mais pobres praticamente não têm alternativas a não ser se ausentar do pleito eleitoral, quando isso não significa “optar” por ignorar as eleições como um todo. Assim, entendida como uma escolha, a votação escamoteia outra

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

questão, ligada a que uns efetivamente têm mais direitos do que outros – para começo de conversa o de votar – escancarando as assimetrias no país. Somem-se a isso as barreiras para as candidaturas de membros de minorias, os altos custos das campanhas eleitorais, a lógica polarizada entre dois partidos à direita (ou mais à direita ainda), e se pode começar a compreender a extensão do imbróglio. Que as pessoas não se iludam: para nós, foi eleito o menos pior candidato, e isso pede cautela nas comemorações.

Há, sem dúvidas, o que comemorar: os últimos anos foram de franco retrocesso no país, e ficou evidente que a postura *laissez-faire* não funciona porque todos são implicados, mesmo aqueles que pensaram lavar as mãos. Pagaram pela omissão os que votaram e os que disso se abstiveram, e de todos terminou sendo o péssimo presidente e todos os passos para trás que os estadunidenses deram. Todos os absurdos registrados aconteceram em nome da democracia – inclusive do direito de não se ser obrigado a nada, principalmente se isso for conveniente para manter tudo como sempre esteve.

E por que estamos falando tanto dos Estados Unidos? Para responder a isso, chegamos ao segundo ponto: a geopolítica. Mesmo antes do Consenso de Washington já estávamos diante de uma hegemonia que se confirmou e ampliou o abismo da dominação militar, política, econômica e cultural do tio Sam em relação ao resto do mundo (Fiori, 2004). Mesmo com as evidências de que a China ocupará essa liderança em breve (Beinstein, 2001), é pouco plausível supor que conseguirá hegemonia em todos os campos como vem sendo construído há décadas por Washington. A questão das eleições estadunidenses, assim, de uma forma ou de outra, afeta a todos nós por conta de uma dinâmica geopolítica que abriga um fluxo de múltiplos arranjos que nos afetam (Tavares & Fiori, 2019).

E se isso vale para uma dinâmica entre países, isso se estende ao conhecimento e à sociedade que o produz, o abriga e o consome. As universidades, tomadas como

metonímia da produção de conhecimento científico, passam a ter outro papel em um cenário democrata. Em tese, isso significa mais investimentos na ciência e nas possibilidades de avanço que ela traz; menos confrontos quanto a resultados que contrariam uma cegueira ideológica; menos ênfase na estupidez associada a pautas religiosas; menos questionamentos quanto à necessidade de desenvolvimento tecnológico, e assim por diante.

Mas não nos iludamos: essa geopolítica se refere aos Estados Unidos e ao seu jeito histórico de fazer as coisas: eles se preocupam consigo mesmos, e o resto do mundo que cuide de si próprio. A triste notícia estampada em todos os grandes jornais do mundo, de que os Estados Unidos compraram todas as vacinas produzidas pela Pfizer e BioNTech em 2020 são apenas mais um exemplo de um país autocentrado e ostensivamente alheio ao resto do mundo – a menos que isso lhes interesse, como no caso do Kuwait e do Iraque, para ficar em exemplos recentes de conflitos motivados pelo petróleo, mas disfarçados sob o argumento de levar “liberdade e democracia a regimes autoritários”.

Deve ter ficado evidente para o mais desatento observador que a democracia é um discurso esvaziado no lugar que se vende como o mais democrático: apesar da força das instituições, foram nefastas as consequências de apenas um mandato de um governo republicano particularmente estúpido, repleto de receitas que são reproduzidas em lugares como o Brasil. A escalada de violência, o aumento do ódio, a intolerância para com os imigrantes, entre outros inúmeros elementos, só retratam que não se trata de democracia o que se vive ali, mas um simulacro baseado em estímulo ao consumo e manutenção de privilégios.

Apesar de tudo, essas eleições trouxeram aspectos para que reflitamos sobre o futuro, o terceiro ponto da nossa argumentação. Com o recrudescimento do conservadorismo em todo o mundo, a eleição do candidato democrata parece ser um alento para o

desamparo do mundo ocidental (Saraiva, 2017), um sinal de que talvez a onda conservadora esteja se enfraquecendo. Para nós, brasileiros, isso viria em uma boa hora, uma vez que o governo atual protagoniza um vexame contínuo ao articular incompetência, violência, corrupção, ataques institucionais variados a qualquer forma constituída de direitos ou civilidades que de alguma maneira atravesse os interesses do capital e de uma visão caricatural e imbecilizada de sociedade.

O futuro, que para nós ainda não começa a dar sinais de luz no fim do túnel, é uma incógnita. Mas sugere que uma coisa a deixar definitivamente no passado é a omissão coletiva: foi ela que selou os tempos difíceis que estamos vivendo. E mais ainda: omitir-se não é apenas deixar de votar no candidato cujo partido fui doutrinado a associar a todo mal, é não entender que a dinâmica democrática de nós pede posicionamento, e que nem sempre os arranjos são os melhores de acordo com os nossos interesses. Mas se omitir é garantir que a decisão será tomada por outros, construindo, portanto, uma visão de um mundo que não é o meu porque me calei sobre o que me dizia respeito.

O campo de Estudos Organizacionais se vê afetado por essa combinação de democracia, geopolítica e futuro de muitas maneiras. Mais imediatamente, pela necessidade de ampliação e de fortalecimento de instâncias democráticas, nas quais possamos não apenas manifestar a pluralidade das nossas ideias, como também para evitar que haja o silenciamento de linhas de investigação porque não agradam a esta ou àquela corrente de pensamento. O conhecimento científico é plural, e precisam ser plurais as formas pelas quais ele se constrói e de consolida, em especial em um campo que é, em princípio, "alternativo" a um *mainstream* altamente conservador.

Em segundo lugar, a geopolítica nos afeta porque nos responsabiliza a assumir posições e a atuar como *players* em um jogo que já está montado em cima de ideologias, idiomas, regras e nuances que não nos favorecem. Precisamos descobrir, assim, quem queremos ser, com quem queremos dialogar e como podem ser

construídos diálogos que não nos coloquem sempre na posição de “exóticos”. Esse jogo se estende em vários níveis, e todos eles demandam construções complexas sobre as quais podemos eventualmente não ter nitidez. Mas que não nos falte ciência do exercício político de existência que é participar desse jogo.

Quanto ao futuro, por fim, ele está por construir. Mas se engana quem pensa que ele surgirá incólume e inovador, sem ligações com nada feito antes: o futuro já está sendo construído hoje. Se não temos os Estudos Organizacionais que queremos hoje, isso em parte remonta a onde bebemos para aqui estar. E o mesmo raciocínio vale para os dias vindouros. Nossas concepções, nossas formas de ensino, de pesquisa e de extensão, a formação de nossos estudantes, assim, já começaram a delinear o que se anuncia. Se não apreciamos o que temos, assim, passou da hora de mudar para que não tenhamos um amanhã repleto de ontem. Que a fila ande.

Neste número 19 do sétimo ano de **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, contamos com a **Capa Tempo**, de *Sidinei Rocha-de-Oliveira*. Ele nos brinda com uma breve reflexão a respeito de como passado e futuro podem convergir e fazer parte da nossa existência mais do que nos damos conta. Sincronicidade e assincronicidade se apresentam associadas em existências complexas e finitas.

Na seção **Artigos** contamos com cinco textos interessantíssimos. No primeiro deles, *Tensão entre racionalidades instrumental e substantiva em uma escola básica de tempo integral*, de *Christiane Bellucci* e *Sérgio Luis Boeira*, os autores encaram o desafio de identificar e compreender as tensões entre as racionalidades instrumental e substantiva e as características das três perspectivas de cultura organizacional em uma escola que se destaca pelo objetivo de obter a educação integral. Os principais resultados sugerem que organizações complexas como as escolares trazem desafios relacionados à forma pela qual podem ser tecidas teorizações que abarquem a força dos fenômenos em seu interior.

André Luiz Maranhão de Souza Leão, Sérgio Luiz Elias de Araújo, Bruno Rafael Torres Ferreira e Bruno Melo Moura, em Biopoder e resistência na organização da copa do mundo Fifa 2014, o segundo artigo da seção, tratam da produção imaterial da Copa do Mundo 2014 pode ser caracterizada a partir dos discursos de seus organizadores e da sociedade brasileira. Por meio da análise de discurso foucaultiana, identificaram duas formações discursivas, referentes à promessa de que a Copa é boa para o Brasil e ao entendimento de que ela saiu muito custosa para o país. A conclusão do estudo é de que a Copa do Mundo 2014 pode ser caracterizada pelo exercício de e resistência ao biopoder.

Tomando como referência as práticas sociais de controle e resistência sobre o espaço físico e simbólico das organizações, *Bruno Eduardo Freitas Honorato e Glauce Cristine Ferreira Santos Viegas* se propuseram a identificar e analisar estratégias de controle e práticas subversivas exercidas pelos diferentes atores sociais em suas interações cotidianas no espaço organizacional de uma instituição federal de ensino superior. As principais conclusões do artigo *Espaço organizacional e poder: uma análise das tentativas de ordenamento do tráfego e das subversões em uma instituição federal de ensino superior* revelam que a organização estudada é um espaço de conflitos em que, são possíveis, ao mesmo tempo, estratégias de controle e táticas subversivas.

Em *“O lixo pode ser mais que lixo”: o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis*, *Késia Aparecida Teixeira Silva, Mozar José de Brito e Rafaella Cristina Campos* procuram compreender o sentido do trabalho para um grupo de catadores de materiais recicláveis em uma usina de triagem de resíduos urbanos em Arcos, região centro-oeste de Minas Gerais, a partir de uma abordagem sócio-construcionista. Os dados sugerem que o sentido do trabalho para este grupo de catadores está mais próximo do sofrimento que do prazer, embora seja difícil explicar onde começa um e onde termina o outro em um fenômeno complexo e que sofre forte preconceito social.

Marley Rosana Melo de Araújo e Ariana Moura de Jesus, no seu texto *Em busca de um futuro melhor: estratégias de regulação emocional no romance "Os corumbas"*, se propõem a demonstrar as estratégias de regulação emocional utilizadas pela família Corumba mediante os eventos estressores provenientes da migração e adaptação à nova vida na cidade grande. Sua análise sugere que a adaptação à vida urbana funcionou como um evento estressor e as estratégias de regulação emocional mais utilizadas foram supressão e ruminação, perspectivas que podem auxiliar a compreensão de processos migratórios sob a ótica dos Estudos Organizacionais.

A seção **Ensaio** conta com dois textos. *"Eu te quero só pra mim" – uma análise do processo de sensebreaking e da ruptura reflexiva da identidade como um momentum para o sequestro da subjetividade*, de Eduardo Guedes Villar, Carolina de Souza Walger e Natália Rese explora como as organizações atuam para criar um vazio-existencial no neófito, de maneira a poderem suplantar uma nova perspectiva identitária. A partir da perspectiva de *sensebreaking* e da construção de identidade em organizações não tradicionais, os autores defendem que o *sensebreaking* gera a ruptura reflexiva da identidade, um *momentum* para o sequestro da subjetividade. Suas principais contribuições resgatam o conceito de sequestro da subjetividade, como forma de organizar o texto para analisar a ruptura reflexiva da identidade do indivíduo em seu processo de socialização.

No segundo texto, *Catia Eli Gemelli*, em seu texto *Capitalismo flexível como propulsor da ideologia gerencialista: um diálogo com Luc Boltanski, Ève Chiapello, Vincent de Gaulejac e Richard Sennett*, discute quais aspectos da configuração do capitalismo contemporâneo promovem o alastramento da ideologia gerencialista. A autora defende que as justificações para o engajamento no sistema capitalista são o sustentáculo desta, e que, os principais elementos do capitalismo flexível, tais como a flexibilidade, a multirreferencialidade, a exaltação da meritocracia e a primazia do

curto prazo, acarretam na profusão do empresariamento das diversas instituições sociais.

Por fim, a seção **Depoimentos** conta com uma contribuição, *Constituição de um grupo de estudo sobre violência no trabalho: relato de experiência*, de autoria de *Ellen Maria Hagopian, Renata Davi de Sousa e Marcelo Del Bianco*. Nesse texto os autores descrevem a experiência da construção de um grupo de estudo sobre violência no trabalho e as ações realizadas em um hospital de grande porte da cidade de São Paulo. Suas principais contribuições destacam a iniciativa como necessária para a apreensão dessa temática delicada em uma discussão sadia e respeitosa.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Beinstein, Jorge (2001). *Capitalismo senil: a grande crise da economia global*. Rio de Janeiro: Record.

Fiori, José L. (Org.) (2004). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes.

Saraiva, Luiz Alex S. (2017). O plantio do desamparo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1135-1146.

Tavares, Maria C. & Fiori, José L. (Orgs.) (2019). *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização* (4a ed). Petrópolis: Vozes.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

Texto individual, elaborado pelo autor.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Saraiva, Luiz Alex S. (2020). A fila anda. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(19), 485-493.